

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD
GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

Jeime Andreia Dávalo Gonçalves

**DIFERENTES E MISTURADOS
CONVIVÊNCIA NA ESCOLA**

FLORIANÓPOLIS 2016

Jeime Andreia Dávalo Gonçalves

Trabalho de Conclusão de Curso submetido a Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos necessários para a obtenção de grau de especialista em Gênero e Diversidade na Escola. Sob a orientação do Prof. Dr. Amurabi de Oliveira

DIFERENTES E MISTURADOS: CONVIVÊNCIA NA ESCOLA

*Dedico este trabalho a meus filhos André e Bruno,
inspiração da minha vida que fazem eu querer ser alguém melhor.*

AGRADECIMENTOS

*Sou grata a Deus:
por mais esta oportunidade recebida;
De poder continuar minha caminhada
na busca por conhecimento dentro da educação.*

RESUMO

Nesta pesquisa temos como objetivo geral conhecer se alunos do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio, relacionam questões sociais, raciais, de inclusão e gênero com problemas ligados à convivência na escola. Apresentando como objetivo específico, relacionar dados e posicionamento dos alunos, com a teoria selecionada. Cientes de que a escola é espaço de convivência, privilegiando a formação do aluno, em um contexto, onde, as relações que se estabelecem entre os sujeitos têm papel determinante, nos instigamos a ter um olhar curioso sobre o aluno, que sente e convive com as diferenças. Pensando na diversidade e nas relações observadas no dia a dia em uma escola, visamos compreender como estão acontecendo estas relações. Para esta pesquisa, faremos uso de parte dos dados levantados para elaboração de um projeto maior de convivência, realizado em uma escola do Vale do Rio Tijuca. Esta é uma pesquisa qualitativa pois fará uso de dados gerados, realizando um levantamento dos principais motivos geradores de conflitos quanto a convivência, na visão de alunos, descrevendo o posicionamento dos sujeitos a partir de suas respostas.

Palavras-chave. Diversidade. Convivência. Escola

ABSTRACT

In this research we have as general objective to know if students of the sixth year of elementary school to the third year of high school, relate social, racial, inclusion and gender issues with problems related to the coexistence in school. With specific objective, to relate data and positioning of the students, with the selected theory. Aware that the school is a place of coexistence, privileging the formation of the student, in a context, where the relations established between the subjects play a determining role, we instigate to have a curious look on the student, who feels and lives with the differences. Thinking about the diversity and the relationships observed in everyday life in a school, we aim to understand how these relationships are happening. For this research, we will use some of the data collected to elaborate a larger coexistence project, carried out in a school in the Tijuca River Valley. This is a qualitative research because it will make use of generated data, performing a survey of the main reasons for conflicts regarding the coexistence, in the view of students, describing the positioning of the subjects based on their answers.

Key words: Diversity. Living together. School

LISTA DE QUADROS:

Quadro 01: Dados Pergunta A.....	19
Quadro 02: Dados da Pergunta B.....	20
Quadro 03: Dados da pergunta B.....	21
Quadro 04: Dados da pergunta B.....	23
Quadro 05: Dados da pergunta B.....	24

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	10
3 METODOLOGIA	18
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	19
5 CONCLUSÕES.....	27
6 BIBLIOGRAFIA.....	29

1 INTRODUÇÃO

A escola é espaço de convivência, privilegiando a formação do aluno, em um contexto, onde as relações que se estabelecem entre os sujeitos têm papel determinante.

Sendo assim me pergunto o porquê se vê tão poucas discussões nas escolas sobre a temática de gênero e educação, religião, racismo e exclusão social. Outro ponto a ser questionado são as consequências desta omissão por parte dos profissionais que trabalham nas escolas.

As escolas são instituições estas que recebem alunos diversos com características diversas. Neste espaço escolar se disseminam posturas e certezas diante do que ideologicamente se entende como o que é certo e errado, do que correto para homens e do que é correto para mulheres. GRAUPE e BRAGAGNOLO abordam este meu questionamento ao afirmar:

[...] a falta de conhecimento sobre a questão de gênero por parte de profissionais da educação, ou de profissionais que possuem conhecimento, mas não estão dispostos a mudar sua forma de pensar e agir sobre gênero, identidades de gênero, orientação sexual, acabam contribuindo para que a escola não desenvolva o seu papel de combate a toda e qualquer atitude e comportamento que revele sexismo, machismo, heterossexismo, etc. (GRAUPE, BRAGAGNOLO, 2015, p.9).

Santana (2005) nos traz uma ideia sabida por muitos, pois segundo o autor “todos nós sabemos que o racismo é muito forte nos dias atuais” (SANTANA, 2005, p.40). O autor também menciona o nível de consciência crescente de que o racismo nos traz mal e diante disto necessita ser denunciado, eliminado e combatido.

Apesar de nas escolas circularem discursos aplicando conceitos, valores que tem como base as diferenças de sexo, sendo comum escutar conversas entre os professores, e professores/ alunos, sobre o que é coisa de menino e coisa de menina, estas falas que permeiam o nosso dia a dia são aplicadas de forma tão natural como sendo de senso comum, dispensando a tão necessária discussão sobre gênero.

Estas relações estabelecidas na convivência diária repleta de exclusões e “silenciamentos” (FREIRE, 1987) “tem levado estudiosos a se debruçar sobre o tema sair” à procura de possíveis caminhos [...]” (ABRAMOVAY, 2012, p.15), que levando em conta a diversidade social, histórica, cultural e de gênero. Dos “muitos atores sociais que constroem o cotidiano escolar – estudantes, familiares, professores, diretores, coordenadores e demais profissionais” (ABRAMOVAY, 2012, p.15) todos apresentam sua individualidade, vivenciam experiências, expressando opiniões, apresentando sugestões e pontos de vista.

Nesta pesquisa temos como objetivo geral conhecer se alunos do sexto ano do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio de uma escola no vale do rio Tijucas- SC, relacionam questões sociais, raciais, de inclusão e gênero com questões ligadas à convivência na escola.

Apresentamos como objetivo específico, relacionar os dados e posicionamento dos alunos, com a teoria selecionada, visando analisar com base em entrevistas, questões raciais sociais e de gênero, ligadas a boa convivência escolar.

Pensando na diversidade e nas relações observadas no dia a dia em uma escola, visamos compreender detalhes de acontecem as relações, fazendo uso de parte dos dados levantados para elaboração de um projeto maior de convivência.

Para geração destes dados tivemos como base duas perguntas: a) Como você enxerga a qualidade da convivência entre as pessoas em nossa escola? ; b) No seu ponto de vista, pensando na convivência em nossa escola, quais são nossos principais problemas? Explique.

Por ser uma pesquisa qualitativa fará uso de dados descritivos, trazendo a luz um levantamento dos principais motivos geradores de conflitos quanto a convivência, na visão de alunos.

3 REVISÃO LITERÁRIA

Para esse trabalho faremos uso de teorias que abordam questões raciais, sociais e de gênero, dentro e fora da escola, relacionando-as com os dados a serem analisados.

Dentre os autores selecionados, podemos destacar (STOLKER, 2006); (WELTER; CANDIDO, 2015); (GRAUPE; BRAGAGNOLLO, 2015); (TESSARO; 2005); (LOPES; DAL'ÍGNA, 2012); (FREIRE, 1987) entre outros.

A discriminação quanto à miscigenação de raças e também a valorização de algumas religiões em detrimento de outras, não é algo novo.

Olhando para a miscigenação existente em nosso país, podemos resgatar que nas sociedades coloniais portuguesas e espanholas, onde, segundo alguns pesquisadores, já eram observadas práticas sociais que visavam uma *limpieza de sangre* que se relacionavam a Status sociais, sendo interpretada como uma questão de pureza racial e de exclusão quanto as famílias que não se enquadrassem em critérios pré definidos (STOLKER, 2006).

Nesse contexto de “seleção” das famílias, as que não conseguissem provar sua procedência, ou seja, que não existia ali nenhuma miscigenação de raças, eram impedidas de assumir determinados cargos na sociedade (STOLKER, 2006).

A igreja também exercia sua influência nesta seleção das famílias ditas “ideais” para assumir cargos de status e poder social, fazendo parte dos critérios para comprovar a origem “ideal” das famílias, serem católicos, nenhuma outra religião era aceita.

Aqui no Brasil, durante a colonização pelos portugueses, a miscigenação do nosso povo, teve suas origens nas agressões que aconteceram primeiramente com os nossas mulheres indígenas, com as escravas negras, que foram exploradas sexualmente, e tiveram como fruto destas exploração os mamelucos os mulatos mestiços.

Destaca-se, porém, que estes filhos não possuíam nenhum direito a ascensão social, quando sendo filhos de donos de terras ou colonizadores (STOLKER, 2006).

Eram vistos com olhos de discriminação, pois não eram negros, não eram brancos, não eram índios tampouco considerados colonizadores brancos, surgiram também os cafuzos, que eram os filhos dos negros com os índios, que não eram vistos nem como negros, nem como índios (STOLKER,2006).

Olhando para questões Raciais, identificamos categorias. Neste nosso cotidiano social preconceituoso e discriminatório, que apesar de vir de uma mistura de raças histórica, ainda leva muito em conta os dois polos extremos que são os brancos e os negros incluindo a eles como mais reconhecidos, os pardos indígenas e amarelos. É visto que muitas vezes a discriminação impera em nossa sociedade, esquecendo da miscigenação na qual fazemos parte, onde podemos citar como resultado categorias da cores o mulato, mestiço, cabo-verde, moreninho, cor-de-telha, etc (FIGUEIREDO 2015).

Por conta da realidade do nosso povo, que é uma mistura de muitas raças, mais do que nunca precisamos trabalhar, estes temas, raça, etnia, racismo. Nossos professores presenciam ou até participam de muitos atos de discriminação e racismo “velado” ou “nem tanto” em nossas escolas. Onde atitudes diárias discriminatórias, forçam os sujeitos a adotarem atitudes, como alisar cabelos, como uma opção como um modo de tornar-se menos negro (FIGUEIREDO, 2015) e assim se enquadrarem em padrões compreendidos como ideais.

Segundo Rosa (2010, p. 156-157) violências como o bullying “ é um dos motivos mais presentes que levam a violência na escola, até porque, o bullying em si já representa uma forma de violência, seja qual for a atitude do agressor”

Valendo ressaltar “ que a violência na escola não está restrita aos jovens, ela acontece também entre professores, e com o próprio ambiente, sendo esses o alvo de revoltas lideradas pelos estudantes [...]” (ROSA ,2010, p.157).

Como justificativa para essas revoltas que surgem da discordância quanto a alguns métodos de ensino, a necessidade latente desses sujeitos de serem aceitos em suas diferenças, escolhas pessoais e familiares assim como no modismo valorizados pelos alunos, na tentativa por resgatar sua dignidade valorização pessoal, autoestima (ROSA, 2010).

Questões religiosas também podem ser apontadas neste processo de discriminação dentro da sociedade, o direito à liberdade de culto sendo previsto na legislação nacional desde a constituição de 1824, mesmo reconhecendo a Igreja Católica como a religião oficial (WELTER, CANDIDO, 2015, p. 12).

Ainda abordando esta mesma liberdade de religião em nosso país, destacamos Gonçalves (2008), que nos traz as religiões dos negros e seus descendentes que foram desvalorizados, rotulados e acusados de cometer feitiçaria, onde as práticas religiosas eram destacadas como exóticas, folclóricas, apontadas como farsantes ou charlatanismo, sem ter espaço outras compreensões.

“No século XIX por meio da imprensa, outra forma descritiva destes cultos ganhou evidência. Tratava-se da reprodução na seção policial de relatos dos órgãos comprometidos com a repressão aos cultos de origem africana identificados como práticas de curandeirismo, charlatanismo etc.” (GONÇALVES, 2008 p.287)

Nesses discursos, as práticas religiosas afro-brasileiras eram vistas ora como exóticas ou “folclóricas”, ora como delituosas ou farsas, e não havia lugar neles para o surgimento de uma outra compreensão além daquela imposta pela própria ideologia que motivou o texto (GONÇALVES, 2008).

Podemos também relacionar questões religiosa a sexualidade nos desafiando a olhar com maior atenção e foco para as diversidades, e o quadro que se apresenta em nossas escolas, quando o assunto é respeito às desigualdades de gênero. Nesse contexto Lima (2011) nos traz a intolerância de alguns grupos religiosos quanto a liberdade de orientação e expressão sexual.

Na década de 90 ganhou-se destaque na política educacional, questões relacionadas a gênero, situação esta que nos se apesar de benéficas, esta correlacionada a outra situação que envolve a aceitação, de que a ótica de gênero esta intimamente ligada a mudanças na educação, que acabam ganhando destaque com as pesquisas educacionais.

Deve ser levado em conta que ao mesmo tempo em que elaboram-se documentos, com base na luta e reivindicações que visam a igualdade e a extinção da discriminação contra a mulher, acabam surgindo dificuldades neste processo. (GRAUPE, BRAGAGNOLLO, 2015)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997-1998), é abordada a necessidade “de pontuar questões que contribuam para orientar o sistema educacional, valorizando as diferenças para a igualdade social” (GRAUPE, BRAGAGNOLLO, 2015).

Já no Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (2009),

“acredita que o acesso e a participação social em espaços de poder são importantes para o fortalecimento de qualquer população minoritária. As políticas públicas possuem um papel importante de apoio e acolhimento aos sujeitos LGBT. Dessa forma o plano não prevê nada além dos direitos assegurados constitucionalmente, porém vivemos em um país onde precisamos elaborar inúmeros documentos para real efetivação da garantia de direitos desses sujeitos segregados” (GRAUPE, BRAGAGNOLLO, 2015, p.30).

Diante das políticas públicas que abordam as questões de gênero, e que defendem a ideologia da igualdade e do respeito, existe a realidade de intolerância e preconceito. Muitas famílias se na realidade da agressão, assim como nas escolas, nas cidades onde existe uma realidade de exclusão, de agressão, de desrespeito. Neste contexto compreendemos caber perfeitamente a fala de Teixeira(2009) que aborda a necessidade das leis não ficarem somente no papel:

Na mesma linha, a autora mostra que as políticas e estratégias em âmbito nacional não só direcionam para a igualdade de direitos, mas também aos resultados, despertando para a necessidade de as políticas não ficarem exclusivamente no papel, mas em nossas práticas diárias, promovendo a equidade de gênero. (TEIXEIRA, 2009 apud GRAUPE, BRAGAGNOLLO, 2015,p.14)

No contexto escolar observamos uma força que afasta, repulsa os assuntos e alunos vistos como fora dos padrões de aceitação, as pessoas que se colocam contra esse processo de “intolerância” velada, por vezes tem suas vozes caladas também de forma “velada”, como se toda essa exclusão fosse normal, enquanto a intolerância e a homofobia são alimentadas.

É fundamental que profissionais da educação, ao perceberem situações de violência sofridas por seus estudantes, acionem o Sistema de Garantia de Direitos de crianças e adolescentes realizando denúncia para o Conselho Tutelar ou para o Disque 100. Os sistemas de proteção garantidos pela Lei Maria da Penha também devem ser utilizados para proteger mulheres lésbicas ou bissexuais vítimas de violência física, psicológica e patrimonial por discriminações homofóbicas e transfóbicas de suas famílias. Além disso, as escolas devem buscar apoio dos Centros de Referência Especializados de

Assistência Social (CREAS), que são as unidades do Sistema Único de Assistência Social responsáveis pelo atendimento de casos de violência intrafamiliar e que possuem como uma de suas funções atuar na superação das discriminações homofóbicas e transfóbicas. As crianças e adolescentes também devem ser informadas de seus direitos e que podem buscar apoio quando sofrem violência. (AREDA,2016.p.101-102)

Bento (2011, p.550) pertinentemente nos lembra das expectativas familiares e sociais que envolvem o nascimento de uma criança, que “encontrará uma complexa rede de desejos e expectativas para seu futuro, levando-se em consideração para projetá-la o fato de ser um/a menino/ menina, ou seja, ser um corpo que tem um/a pênis/vagina”.

Sendo assim muitas expectativas são tecidas em um emaranhado de pressuposições sobre os gostos desta criança no que tange aos comportamentos “brinquedos, as cores das roupas e outros acessórios que comporão o enxoval são escolhidos levando-se em conta o que seria mais apropriado e natural para uma vagina e um pênis (BENTO (2011, p.550).

Para combatermos as desigualdades de gênero no contexto escolar, precisamos primeiramente abordar essa temática com todas as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem, pois o machismo, o sexismo e o heterossexismo são praticados tanto por homens como por mulheres. (GRAUPE,BRAGAGNOLO 2015, p.10,11)

Todos são diferentes, cada um da sua forma, da sua maneira, com seu gênero, orientação sexual, e merecem ser respeitadas, como são tanto dentro quanto fora das escolas.

Questionamentos e preocupação, com relação a aceitação e respeito do ser humano, para com o ser humano e com a sua individualidade, fazem parte dos estudiosos que olham para o tema diversidade, destacando que a necessidade de “intensificar ações de combate a violências e discriminações [...] que se reconheçam as diferentes identidades e sejam garantidos processo de inclusão de grupos socialmente vulneráveis (WELTER, CANDIDO,2015, p. 20).

Sabat (2003 s.p) também nos traz que “ um dos principais objetivos da Educação é moldar os sujeitos para que vivam de acordo com as configurações sociais referentes ao grupo

no qual estão inseridos”. Mencionando também as inúmeras estratégias articuladas no intuito de produzir o sujeito normal (SABAT, 2003).

A partir do passar do tempo as estratégias e organizações se modificaram sem abrir mão do objetivo mor “ normalizar os sujeitos em seus mais diferentes aspectos” (SABAT, 2003 s.p).

“De modo geral, identificamos como anormal, estranho, abjeto, grotesco, monstruoso aquilo que, a uma só vez, foge ao padrão. Em termos das identidades de gênero e sexuais, o padrão hegemônico implica heterossexualidade, características físicas bem definidas, atribuídas ao masculino e ao feminino, bem como atitudes e comportamentos igualmente demarcados. Entretanto, a narrativa que estabelece esses significados é a mesma que descreve quem são os anormais, quem são aqueles que vivem seu gênero e sua sexualidade de maneiras diferentes do que é considerado normal” (SABAT, 2003 s.p).

Seguindo a normatização importa nas escolas, abordaremos a “dita” inclusão, existente no meio educacional, onde se recebe os alunos com deficiência, mas não os enxergamos com pessoas que possuem suas competências e suas capacidades, suas dificuldades e desafios como qualquer outro aluno.

Todos enfrentamos desafios, nossas fragilidades são individuais, e se relacionam as nossa características pessoais, tendo ou não deficiência.

Tessaro (2005, s.p) nos lembra “que mesmo depois de muitas discussões em torno da inclusão social, continua o deficiente sofrendo pelo estigma e pelo preconceito de sua diferença”.

Muito se fala das barreiras arquitetônicas, no acesso que ainda não existe em muitas das situações, mas existem outras barreiras que não se fala, se silencia. É a barreira do preconceito, da não aceitação, da rotulação. Contudo podemos afirmar a “inclusão no contexto escolar é algo que vem se efetivando, mesmo que a duras penas, buscando superar toda uma história de isolamento, discriminação e preconceito (TESSARO, 2005.s.p).

Pensar em uma sociedade democrática, como sendo um formato social que oferece, e que permite a todos sem discriminação ou ressalvas, as mesmas oportunidades de participação, inserção e envolvimento, com e nas atividades

desenvolvidas no seu contexto familiar, social, educacional, político entre outros, me remete a informação destacada abaixo:

Parte-se do pressuposto de que a inclusão educacional é de fundamental importância para a construção de uma sociedade democrática. Entende-se por inclusão a garantia de que todas as pessoas tenham acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, que deve estar orientada por relações de acolhimento às diferenças e pelo esforço coletivo na equiparação das oportunidades de desenvolvimento, com qualidade em todas as dimensões da vida (BRASIL, 2011 apud GESSER; NUERNBERG 2015, p.177).

Na nossa sociedade, onde devemos conviver em colaboração mútua, destacamos as várias barreiras sociais que obstaculizam a inclusão das pessoas com deficiência. Estas barreiras não se apresentam somente no campo físico estrutural, pois segundo Tessaro (2005, s.p) tanto professores quanto alunos “expressaram várias dificuldades envolvidas. Nesse processo de enfrentamento das barreiras, destacando-se a falta de infra-estrutura das escolas, a falta de preparo/capacitação profissional, discriminação social e a falta de aceitação da inclusão..

Todos somos seres de direito e segundo Candau, (2012)

Questão dos direitos humanos constitui um dos eixos fundamentais da problemática das sociedades contemporâneas. Do plano internacional ao local, das questões globais às da vida cotidiana, os direitos humanos atravessam nossas preocupações, buscas, projetos e sonhos. Afirmados ou negados, exaltados ou violados, eles fazem parte da nossa vida individual, comunitária e coletiva. (CANDAUI, 2012,p.176)

Não podemos falar em barreiras no campo da inclusão sem mencionar a “barreira” que se apresenta com maiores forças oriundas de uma ideologia que se desenvolve no social. Necessitamos de um olhar apurado e cuidadoso das pessoas em especial dos professores.

Lopes e Dal’ ígna (2012, p. 858) destaca que, diante da transformação da criança em aluno “ a escola trabalha na homogeneização das diferenças. Isso implica a criação de pensamentos, respostas e comportamentos mais ou menos esperados daqueles educados a responder às necessidades do Estado- nação”, entrando aí as expectativa homogeneizantes, “domesticadoras” (FREIRE, 1987) dentro da escola e sala de aula, que desconsideram os sujeitos inseridos em suas diversidades.

Esta ideia se mostra presente, mesmo que de forma polida ou silenciada. Não é explícito, mas se compreende no geral, que algumas pessoas com deficiência, não conseguirão “acompanhar” o aprendizado. Na visão de muitos estes alunos não serão tão produtivas, e suas trocas acabam sendo vistas negativamente, até mesmo na escola. Esta visão pode ser observada na fala de Tessaro (2005,s.p) pois segundo ele “Pesquisas têm confirmado que a inclusão escolar vem se efetivando de forma inadequada, longe do ideal, revelam o pouco interesse e investimento neste processo” (TESSARO, 2005,s.p)

3 METODOLOGIA :

Pensando na diversidade e nas relações observadas no dia a dia em nossa comunidade escolar, pretendemos com esse trabalho compreender como estão acontecendo as relações de convivência nessa escola pesquisada, focando na visão do aluno.

Para o levantamento desses dados que também servirão de base para a pesquisa intitulada “Diferentes e misturados: Convivência na escola”, compreendemos o aluno como sujeito adequado para nos sinalizar quanto à convivência escolar.

Acreditando nos benefícios significativos que uma pesquisa direcionada à convivência e na importância do mesmo ser elaborado a partir da visão discente, realizaremos uma pesquisa semiestruturada com 71 alunos, e com base em suas respostas, a partir de um questionário semiestruturado, realizaremos o levantamento de dados para posterior análise, relacionando os mesmos com uma base teórica selecionada.

Na pesquisa maior realizamos seis perguntas aos nossos alunos, contudo, nosso trabalho aqui apresentado analisa as respostas que se relacionam apenas a duas delas:
a) Como você enxerga a qualidade da convivência entre as pessoas em nossa escola? ;

b) No seu ponto de vista, pensando na convivência em nossa escola, quais são nossos principais problemas? Explique.

Classificamos esta pesquisa como qualitativa por levar em conta em conta as palavras e não os números, (BOGNAN E BIKLEN 1994) Tendo como fonte direta de dados o ambiente natural,[...] em uma investigação, que [...] os dados são recolhidos em forma de palavras, (MARTINS, 2004) “a pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais [...]”, que assimila a metodologia como “ uma disciplina instrumental a serviço da pesquisa; nela, toda questão técnica implica uma discussão teórica” (BOGDAN; BIKLEN 1994).

4 ANÁLISE DOS DADOS

A partir deste pondo inseridos nesta pesquisa, visamos analisar os dados gerados em um projeto maior sobre a convivência na escola.

Nossa análises terão como foco as respostas doa alunos sobre duas das perguntas realizadas no questionário semiestruturado: a) *Como você enxerga a qualidade da convivência entre as pessoas em nossa escola?* ; b) *No seu ponto de vista, pensando na convivência em nossa escola, quais são nossos principais problemas? Explique.*

Para melhor compreensão do nosso leitor organizamos as respostas em quadros que demonstram pontos conflitantes recorrentes apresentados por estes setenta e um alunos, assim como os posicionamentos apresentados, quanto aos conflitos.

Quadro 01: Dados Pergunta A

<i>Como você enxerga a qualidade da convivência entre as pessoas em nossa escola?</i>		
Quantidade de alunos	Resposta	Porcentagem
49	Péssimo e Regular	69%
23	Bom e Ótimo	31%

Podemos observar a partir no quadro 01, que quarenta e nove dos setenta e um alunos apontam a qualidade da convivência no contexto escolar como péssima e regular.

Autores como Tessaro (2005) nos trazem que tanto professores quanto alunos expressaram as mais variadas dificuldades que se relacionam aos diversos modos de interação na escola. Por conta da diversidade social, histórica, cultural dos mais diversos sujeitos sociais que constroem o cotidiano escolar, possuindo suas individualidades e convivendo no mesmo ambiente de experiências complexas, é que Abramovay (2012) menciona o interesse quanto as pesquisas referente a convivência na escola.

Quadro 02: Dados da pergunta B

No seu ponto de vista, pensando na convivência em nossa escola, quais são nossos principais problemas? De que tipo?	
1º LUGAR- VIOLÊNCIA. Citado por 52 alunos	
Quantidade de alunos	De que tipo?
28	Física e verbal
20	Brigas no geral
7	Psicológica
5	Verbal

1	Bullyng
---	---------

Fonte: Questionário Semiestruturado

Podemos observar que a violência desponta em primeiro lugar, quando as ações que prejudicam a boa convivência no cotidiano escola. Dentre os diversos tipos de violências destacados, a violência física e verbal, assim como brigas no geral, com as mais recorrentes naquele contexto.

A violência vivida e observada por estes alunos também desponta nos dados, que mostras violências “físicas”; “verbais” psicológicas” assim como o “bullyng” tema tão comum a ser tratado nas escolas, mas que ainda persiste no cotidiano escolar. (Fonte quadro 02).

Os dizeres destes alunos nos remetem as prática vexatória existentes no meio escolar, que segundo Welter e Candido (2015) são constituídas por:

“ por piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações e expressões desqualificantes diante daquelas/es que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem, mas minorias sociais, como negras/os, indígenas, mulheres, seguidoras/es de religiões não hegemônica, camponesas/es e outros grupos”(WELTER, CANDIDO,2015, p. 17)

Autores nos trazem questionamentos e a preocupação quanto a dificuldade das pessoas em se relacionar respeitando a individualidade, assim como a necessidade de intensificar atividades e ações dentro do meio escolar, que combatam as mais diversas violências gerada a partir da discriminação existente perante as diferentes identidades (WELTER, CANDIDO,2015).

Violências psicológicas como o bullyng, são motivos existente e presentes nas escolas, levando a violências dos mais diversos tipos. Rosa (2010, p. 156-157), nos recorda que o “bullyng em si já representa uma forma de violência, seja qual for a atitude do agressor”.

Quadro 03: Dados da pergunta B

No seu ponto de vista, pensando na convivência em nossa escola, quais são nossos principais problemas? De que tipo?	
2º LUGAR- DESRESPEITO.	
Citado por 49 alunos	
Quantidade de Alunos	Com quem?
12	Com os professores
9	De todo o tipo
5	Verbal
2	Racismo com os negros
8	com os funcionários; com as pessoas mais pobres; Bullying; pelo que a pessoa é na sala; rir das pessoas diferentes, por questões éticas, aluno com aluno e aluno com professor; pessoas falando mal uma das outras; pelas ideias que não batem; questões físicas.

Fonte: Questionário Semiestruturado

Já no quadro 03, é destacado o segundo maior motivo para os problemas referentes a convivência naquela escola. Para estes alunos o desrespeito é outro ponto gerador de conflitos no ambiente escolar.

O desrespeito com os professores surge na voz destes sujeitos, o que pode ser relacionado às dificuldades que alguns alunos têm em compreender e aceitar algumas práticas pedagógicas aplicadas, onde podemos resgatar segundo (ROSA, 2010, p.157) “que a violência na escola não está restrita aos jovens, ela acontece também entre professores, e com o próprio ambiente, sendo esses o alvo de revoltas lideradas pelos estudantes [...]”.

O racismo e o desrespeito com os funcionários são mencionados, assim como o fato de mais pobre, pela postura que a pessoa apresenta, por ser diferente, com

ideias diferentes, possuindo características físicas diferente, despontam como causas para as pessoas serem desrespeitadas na escola.

Relacionamos esta visão destacada pelos alunos, onde o ser diferente é motivo para incompreensão e desrespeito, relacionados à convivência escolar, com a homogeneização relatada por Lopes e Dal' ígna (2012). Diante da transformação da criança em aluno, pessoa em professor, merendeira, faxineira, que inseridos em um determinado espaço, sofrem referências das relações de poder dentro da escola. Esta realidade implica em assumir posturas, respeitar hierarquias, “pensamentos, respostas e comportamentos mais ou menos esperados ” (LOPES; DAL' ÍGNA, 2012, p. 858), sendo domesticados (FREIRE, 1987) dentro da escola e sala de aula.

O desrespeito com os professores podem ser relacionados com a discordância quanto a alguns métodos de ensino, a necessidade latente desses sujeitos de serem aceitos em suas diferenças, escolhas pessoais e familiares assim como no modismo valorizados pelos alunos, na tentativa por resgatar sua dignidade valorização pessoal, autoestima (ROSA, 2010).

O desrespeito pelo que a “pessoa é”, “quando as ideias não batem” Quadro 03, pode ser relacionas as mais diversas questões como religiosas, aos padrões de beleza, assim como questões “raciais “ também destacadas no quadro 03.

Questões de religião e ideologias diferentes podem ser apontadas como alvos de desrespeito na sociedade. Onde apesar de existir em vossa legislação o “direito à liberdade de culto” (WELTER, CANDIDO,2015, p. 12), ainda hoje autores nos trazem a desvalorização, rótulos referentes às práticas religiosas afrodescendentes.

O rótulo da beleza, do que é aceito como belo e ideal no meio social, muitas vezes fazem com que as pessoas abram mão de suas próprias características, para serem aceitas (SABAT, 2003).

Quadro 04: Dados da pergunta B

No seu ponto de vista, pensando na convivência em nossa escola, quais são nossos principais problemas? De que tipo?

3º LUGAR- EXCLUSÃO

Citado por 37 alunos	
Quantidade de Alunos	Com quem?
6	Alunos que excluem os outros por serem diferentes por pensarem diferente, por serem tímidas;
6	Social;
4	De pessoas, funcionários, econômica, pela aparência;

Fonte: Questionário Semiestruturado

Quadro 05: Dados da pergunta B

No seu ponto de vista, pensando na convivência em nossa escola, quais são nossos principais problemas? De que tipo?	
4º LUGAR- PRECONCEITO	
Citado por 34 alunos	
Quantidade de Alunos	Com quem?
20	Racial
9	Social, pobre, financeiro e classe
6	Com quem é magro ou gordo ou feio, forma física,
2	Deficientes físicos e mentais , por ser inteligente, por ser diferente;
1	Alunos que se acham superiores ;
1	Sexualidade;
1	Preconceito com as pessoas sem conhece-las;

Fonte: Questionário Semiestruturado

A pergunta, onde questionamos os alunos sobre questões que prejudicam a boa convivência, em diversos momentos surgem em suas vozes a impressão de que certos grupos sentem-se superiores à outros por questões raciais e sociais.

Nos quadros 04 e 05 estes alunos relacionam a exclusão e preconceito quanto a questões de racismo com os negros, onde existe desrespeito com os funcionários; com as pessoas mais pobres assim como a dificuldade de aceitar a pessoa pelo que ela pessoa é. Esta dificuldade de aceitar as diferenças podem ser relacionadas a postura social homogeneizadora que destaca e identifica o que é normal, aceito. O que foge do padrão não é bem visto, trazendo questões relacionadas a identidades de gênero e o padrão hegemônico implica heterossexualidade.

Os alunos mencionam a falta de respeito e exclusão aos alunos que “são diferente, pensam diferente”. O que devemos mencionar aqui é o direito desses alunos que está sendo esquecido.

Candau 2012 nos traz que em nossa realidade convivemos:

Violações sistemáticas, e em muitos casos dramáticas, destes direitos. Na sociedade brasileira, a impunidade, as múltiplas formas de violência, a desigualdade social, a corrupção, as discriminações e a fragilidade da efetivação dos direitos juridicamente afirmados constituem uma realidade cotidiana. (CANDAU, 2012,p.717)

Quando ao preconceito no quadro 05, desponta as questões raciais financeiras, físicas e sexuais dos sujeitos.

Apesar de hoje existirem leis que defendam a dignidade e respeito as mais diversas raças e etnias, observa-se o preconceito racial na voz destes alunos. Autores como Rosemberg (2001) mencionam da necessidade existente de conhecermos as nossas políticas públicas educacionais, para assim ser possível diminuirmos com base em nossas novas concepções, as desigualdades.

É sabido que “racismo é muito forte nos dias atuais” Santana (2005, p.40) e preconceito quanto à mistura de classes e raças não é algo novo. Conforme citado por Stolker (2006), onde até hoje existem resquícios de uma ideologia que destaca a miscigenação como algo que reflete no Status, social, enxergando a miscigenação

como algo pejorativo, cresce “o nível de consciência de que o racismo é maléfico e precisa ser combatido, denunciado e eliminado” (SANTANA, p.40).

Por conta da realidade do nosso povo, que é uma mistura de muitas raças, mais do que nunca precisamos trabalhar, estes temas, raça, etnia, racismo com os nossos professores, que presenciam ou até participam (infelizmente) de muitos atos de discriminação e racismo “velado” ou “nem tanto” em nossas escolas.

A necessidade de ser aceita no grupo, pode ser vista nas escolas, desde muito cedo as meninas com cabelo afro, que são orientadas, ensinadas a alisarem os cabelos, ou com prancha ou até mesmo com “química” por mais incrível que pareça, outra prática muito comum é esticar e amarrar os cabelos na tentativa de deixá-los diferentes no natural, “menos ruim”.

O que me remete ao texto de Figueiredo (2015) onde ela aborda que essa prática de alisar o cabelo, que conseguimos observar na sociedade brasileira, inclusive nas escolas, pode não ser entendida apenas como uma prática de beleza, podendo ser vista como um modo de tornar-se menos negro.

Discriminar a pessoa “por sua origem”, é também destacado nos dados, onde podemos relacionar ainda a Stolker(2006).

Outro ponto apresentado no quadro 05, dentro dos assuntos que sofrem discriminação na escola, estes sujeitos mencionam a sexualidade a dos alunos como foco de preconceito na escola.

Autores como Rosemberg (2001, p.12) nos trazem a reflexão de que a “produção de conhecimento sobre o atual desenvolvimento de políticas públicas de educação pela perspectiva de redução da desigualdade de gênero no sistema público de ensino brasileiro é ainda escassa”. E neste contexto as pesquisas sobre gênero na educação, que são vítimas de uma precária divulgação, devem ser mais debatidas, trazidas a tona, destacamos a necessidade de falar mais, esclarecer as pessoas sobre a quando diversidade de gênero nas escolas (ROSEMBERG, 2001).

5 CONCLUSÕES

Observamos a partir deste trabalho, que existem questões a serem debatidas nesta escola quanto a convivência, que é destacada como péssima ou por maior parte dos alunos pesquisados.

Podemos observar que a violência desponta em primeiro lugar, quando as ações que prejudicam a boa convivência no cotidiano escolar, sendo citado por cinquenta e dois dos setenta e um alunos pesquisados.

Dentre os diversos tipos de violências destacados, a violência física e verbal, assim como brigas no geral, com as mais recorrentes naquele contexto, onde nas violências vividas pelos sujeitos, despontam as físicas; verbais; psicológicas assim como o bullying tema tão comum a ser tratado nas escolas, mas que ainda persiste no cotidiano escolar.

Observamos que os dizeres destes alunos nos remetem as prática vexatória existentes no meio escolar, e autores mencionam a necessidade de trabalhar nas escolas questões ligadas as dificuldades das pessoas em se relacionar respeitando a individualidade de cada um.

O desrespeito, é destacado como segundo ponto gerador de conflitos no ambiente escolar, sendo que o desrespeito com os professores surge na voz destes sujeitos, o que pode ser relacionado às dificuldades que alguns alunos têm em compreender e aceitar algumas práticas pedagógicas aplicadas.

O racismo e o desrespeito com os funcionários são mencionados, assim como o fato de mais pobre, pela postura que a pessoa apresenta, por ser diferente, com ideias diferentes, possuindo características físicas diferente, despontam como causas para as pessoas serem desrespeitadas na escola.

E resposta a pergunta, onde questionamos os alunos sobre questões que prejudicam a boa convivência, em diversos momentos surgem em suas vozes a

impressão de que certos grupos sentem-se superiores à outros por questões raciais e sociais.

Nos quadros 04 e 05 estes alunos relacionam a exclusão e preconceito quanto a questões de racismo com os negros, onde existe desrespeito com os funcionários; com as pessoas mais pobres assim como a dificuldade de aceitar a pessoa pelo que ela pessoa é.

O que podemos relacionar a postura social homogeneizadora, que destaca e identifica o que é normal, aceito, já o que foge do padrão não é bem visto. Trazendo ainda questões relacionadas a identidades de gênero e o padrão hegemônico implica heterossexualidade. Em sumo este trabalho destaca a dificuldade das pessoas em lidar com o que está fora da homogeneização social destacada, do que é ideologicamente visto como bonito, aceitável e necessário.

Saindo fora deste modelo idealizado, as pessoas sofrem discriminação, exclusão, gerando conflitos e violências que se refletem em uma convivência conturbada.

Penso que diante de dados desta natureza, cabe a nós professores, família e sociedade, abrir mão desta postura silenciadora, que talvez inconscientemente adotamos, ao paralisarmos diante destas ações de violência escolar e desrespeito, que muitas vezes preferimos não ver, e trabalhar o respeito a igualdade, a luta contra o racismo e desigualdade de gêneros e oportunidades iguais a todos, não só na escola, mas também em nossa casas.

É necessário uma ação e conscientização conjunta e social, que começa em enxergarmos que o racismo, a violência e a discriminação existe, e esta bem próxima de todos nós.

BIBLIOGRAFIA:

AREDA F. O. Enfretamento da Homofobia e Transfobia Familiar e a Defesa de uma Família Protetiva, 2016 in Especialização EaD em gênero e diversidade na escola : Livro

V, Módulo V e VI / Miriam Pillar Grossi [et al.]. - - Tubarão : Ed. Copiart, 2015. 320 p. ; 28 cm. - (Livros didáticos do GDE/UFSC) ISBN 978.85.8388.053.0

BENTO.B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. Berenice Bento Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011 .

Fonte: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n2/v19n2a16>

BOGDAN, Robert C. BIKLEN, Sari Knopp. Investigação qualitativa em educação. Porto. Porto Editora.1994.

CANDAU.V.M. Direito à educação, diversidade e educação em direitos humanos.Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 715-726, jul.-set. 2012 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/04.pdf>

FELIX, Isabel Aparecida. Direitos Reprodutivos e Religião - Ensinando a Incluir bibliografia Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, modalidade a Distância. UFSC 2015. Livro Didático.

FIGUEIREDO.A. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler.Periódicus. n. 3, v. 1 mai.-out. 2015 p. 152-169. Fonte: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/14261/9862> . Acesso: 18 de novembro de 2015

FREIRE, Paulo. "Cuidado escola: desigualdade domesticação e algumas saídas." Cuidado escola: desigualdade domesticação e algumas saídas. Brasiliense, 1987.

GRAUPE, Mareli; BRAGAGNOLLO, Regine. As Diferenças de Gênero no Espaço Escolar. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático.

GIACOMINI.S. Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação. Rev. Estud. Fem. vol.14 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2006

Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100006. Acesso: 18 de novembro de 2015

GROSSI; Pillar, Miriam. Especialização EaD em gênero e diversidade na escola : Livro V, Módulo V e VI / Miriam Pillar Grossi [et al.]. - - Tubarão : Ed. Copiart, 2015. 320p. Disponível em: https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/69896/mod_resource/content/1/M%C3%B3dulo%20_g%C3%AAnero%2C%20diversidade%20e%20religiao%20completo%20unidade4.pdf

GROSSI; Pillar, Miriam. Especialização EaD em gênero e diversidade na escola : Livro V, Módulo V e VI / Miriam Pillar Grossi [et al.]. - - Tubarão : Ed. Copiart, 2015. 320p. Disponível em: https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/69896/mod_resource/content/.pdf

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Raça, cor e outros conceitos analíticos. In: PINHO, Osmundo Araújo; SANSONE, Livio. Raça: novas perspectivas antropológicas. Salvador: ABA/EDUFBA, 2008. p. 63 - 82.

LISBOA T.K. Violência de Gênero, Políticas Públicas Para o seu Enfrentamento e o Papel do Serviço Social. In Especialização EaD em gênero e diversidade na escola : Livro V, Módulo V e VI / Miriam Pillar Grossi [et al.]. - - Tubarão : Ed. Copiart, 2015. 320 p. ; 28 cm. - (Livros didáticos do GDE/UFSC) ISBN 978.85.8388.053.0

LIMA. R.L. Diversidade, Identidade de Gênero e Religião. Rita de Loudes de Lima. 2011. <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/2940>
2011

LOPES. M.C. DAL' ÍGNA. M.C. Subjetividade docente, inclusão e gênero. Educ. Soc., Campinas, v. 33, n. 120, p. 851-867, jul.-set. 2012
<http://www.scielo.br/pdf/es/v33n120/11.pdf> acesso: 01-12-2016

MARTINS, H.H.T de S. **Metodologia qualitativa da pesquisa**. Educação e pesquisa, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. Estudos avançados [online]. 2004, vol.18, n.50, pp. 51-66.

PINHO. O.A. SANSONE. L. (organizadores). Raça novas perspectivas antropológicas. 2ª Edição revista ABA EDUFBA Salvador, 2008.

ROSA. M.J.A. Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem. (2010) Fonte: [:ttp://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_I ND_8/FORUM_V8_09.pdf](http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_I ND_8/FORUM_V8_09.pdf). acesso: 15.11.2016

SANT'ANA, Antonio Olímpio. História e Conceitos Básicos sobre o Racismo e seus Derivados. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. Brasil: MEC/BID/UNESCO, 2005. p. 39 - 68.

SABAT. R. Educar para a sexualidade normal SABAT, Ruth - Centro Universitário Feevale GE: Gênero, Sexualidade e Educação / n.23. 2003 Fonte: <http://27reuniao.anped.org.br/ge23/t2311.pdf> acesso: 01.11.2016

SILVA. V.G. Religião e etnicidade: Religião e relações raciais na formação da antropologia do Brasil in Osmundo Araújo Pinho Livio Sansone. Raça novas perspectivas antropológicas. 2008. ABA EDUFBA Salvador, 2008

Acesso: 02-12-2016 fonte: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8749/1/RAC%CC%A7A_2ed_RI.pdf .pdf

SILVEIRA.D.T; CÓRDOVA. F.P. A pesquisa científica. in GERHARDT T.E.; SILVEIRA D.T métodos de pesquisa. [org.] . coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS– Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Fonte <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> acesso: 01.11.2016

STOLKE, V..O enigma das interseções: classe, "raça", sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. Rev. Estud. Fem. vol.14 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2006. Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X200 Acesso: 03 de novembro de 2015.

TESSARO, Nilza Sanches. Inclusão escolar: concepções de professores e alunos da educação regular e especial. Casa do Psicólogo, 2005. Acesso 01.11.2016 fonte: <http://www.abrapee.psc.br/artigo20.htm>

WELTER, Tania; CANDIDO, Fernando. Gênero, Diversidade Sexual e Religião. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Departamento de Antropologia / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. Livro didático.

Disponível em: https://ead2.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/65462/mod_resource/content/4/Genero%20e%20religiao%20unidade%201%20GDE.pdf. Acesso: 01 de maio de 2015.